

Os estreitos caminhos do livro acadêmico

Jézio Hernani Bomfim Gutierre¹

RESUMO

Desde sua origem, o livro e a edição acadêmica envolvem o objetivo de se preservar a qualidade do conteúdo veiculado e a eficiente disseminação do saber produzido pela universidade. Essas metas cardeais enfrentam hoje em dia obstáculos que colocam em xeque o desempenho regular dos editores universitários. A proliferação indiscriminada de publicações, o self-publishing, a crise dos canais usuais de distribuição e varejo e, finalmente, a retração, aparentemente definitiva, do público leitor são apenas os mais conspícuos elementos de um quebra-cabeças que assola a edição científica. Sustenta-se que o próprio destino da comunicação científica - e particularmente de seu aliado de primeira hora, o livro acadêmico – dependa da capacidade de se superar os desafios elencados.

Palavras-chave: Edição acadêmica. Indústria cultural. História das Ideias. Comunicação Científica.

ABSTRACT

Since its origins, academic publishing and the academic book have pursued the objective of preserving the quality of the published content and the efficient dissemination of the knowledge produced by the universities. These cardinal goals nowadays face obstacles which call into question the regular performance of university publishers. The indiscriminate proliferation of publications, the self-publishing phenomenon, the crisis of traditional channels of distribution and retail, and finally the recent and apparently definitive mingling of the number of readers are only the most conspicuous elements of a puzzle that plagues the scientific edition. In this paper it is maintained that the very fate of scientific communication - and particularly its closest and eldest ally, the academic book - depends on the ability to overcome the challenges listed.

Keywords: Academic Publishing. Cultural industry. History of Ideas. Scientific Communication.

¹ Graduação em Economia pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Filosofia - University of Cambridge (1994), mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (1987) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Epistemologia, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia contemporânea, Kuhn, Popper, racionalismo e ontologia da ciência. De 2001 a 2015 exerceu a função de Editor Executivo da Fundação Editora da Unesp. Desde 2015 responde pelo cargo de diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp.

Naturalmente, antes de considerar aspectos concretos e ameaças que contemporaneamente rondam o panorama do livro acadêmico – algo que pretendo desenvolver na sequência -, cabe fazer algumas inevitáveis observações preliminares e mais conceituais. De fato, o próprio conceito de edição e editora universitárias está sempre exposto a questionamentos e, nesse sentido, parece natural que se procure ter uma ideia mais precisa do que acredito ser esse objeto para que possa dizer algo mais relevante e prático sobre a maneira como opera ou sobre os obstáculos que enfrenta. Com isso, a expectativa é a de que tenhamos uma imagem mais clara do que fazemos e, talvez, de maneira ainda mais otimista, do que devemos fazer no cenário conturbado que habitamos. Alerto ser esta, evidentemente, como de resto outras afirmações adiante, uma visão pessoal e certamente aberta a reparos e abordagens diversas. O único mérito que invoco para ela é ser efetivamente centrada na experiência e nas informações adquiridas durante o exercício de meu ofício diário.

Procuramos, então, chegar a essa definição mais rigorosa do que seria a edição acadêmica ou, mais especificamente, sua contrapartida institucional, a editora universitária. Nesse contexto, para qualquer processo definicional, acho sempre proveitoso lançar mão de conselhos de um velho e hoje talvez impopular filósofo da ciência: Karl Popper. Conforme Popper, definições são basicamente resultado de convenções guiadas por considerações de utilidade. Não há, portanto, verdades profundas ou essenciais no processo de definição de um objeto ou, mais especificamente, de uma disciplina ou atividade – sejam elas física, química, clubes náuticos ou editoras universitárias. Mas mesmo sem a existência de processos rígidos para o estabelecimento desses contornos, Popper nos diz que entenderemos melhor o significado de uma disciplina ou atividade se entendermos quais os problemas que tradicionalmente as ocupam. Por isso, quando se procura entender o significado de campos teóricos sabidamente polêmicos, como psicanálise, parapsicologia ou ética, caberia concentrar esforços na identificação dos problemas que os ocupam e, ao fazê-lo, presumivelmente, teríamos um retrato acurado daquela área. Em outras palavras, diga quais os problemas que te ocupam e dir-te-ei quem és.

Mas, se assim é, e se seguirmos o preconizado por Popper, fica estabelecida a rota que levará ao retrato mais acurado de editoras ou da edição universitária. Tal caminho será mediado por uma questão básica: quais são os objetivos que orientam uma editora universitária ou, alternativamente, quais seriam os problemas que editoras universitárias *per se* procuram superar; ou ainda, o que os propositores de editoras universitárias (sejam eles políticos, educadores, estrategistas de política educacional, dirigentes ou pesquisadores de estabelecimentos de pesquisa e ensino superior) pretendem ou classicamente pretenderam ao

despender recursos preciosos nessa atividade que, de outra forma, seriam direcionados para as tarefas acadêmicas mais óbvias, diretamente ligadas ao ensino e à pesquisa.

Nesse âmbito vejo alguns objetivos historicamente recorrentes e identificáveis entre as mais representativas editoras universitárias. Desde sua origem titubeante nos séculos 12 e 13, até sua institucionalização definitiva no século 16, a edição universitária europeia (como, de resto, todas as editoras de então) entrelaça-se com as correntes humanistas e racionalistas, correntes e entrelaçamento que serão posteriormente ainda mais fortalecidos pelo Iluminismo do século 18. Esse vínculo e ideário estão presentes, muito expressivamente, no Estatuto J da University of Cambridge Statutes and Ordinances, em que o governo de Henrique VIII estabelecia o perfil ainda hoje vigente na Universidade de Cambridge: “Será instituída na Universidade uma Editora Universitária que se dedicará à impressão e publicação com o fito de se estimular a aquisição, o avanço, a conservação e a disseminação do conhecimento em todos os assuntos; ao avanço da educação, da erudição e pesquisa; e ao avanço da literatura e belas letras.” E os mesmos princípios são contemporaneamente encontrados ubiquamente nas parcelas mais influentes do sistema editorial acadêmico ocidental: de Oxford a Harvard, de Amsterdam a Chicago. A Universidade de Chicago, sob esse aspecto, é talvez o exemplo mais expressivo disso, inclusive pelo destaque orgânico que sempre deu à sua editora - seus fundadores (1890) sustentavam que, para a Universidade, a edição acadêmica seria um elemento tão relevante quanto o ensino e a pesquisa. Em sua webpage institucional atual, a Chicago University Press ecoa o ideário dos Estatutos da Cambridge University e mais de quatro séculos depois explicitamente assume a “missão de disseminar a erudição acadêmica de excelência e de publicar os trabalhos relevantes que promovam a educação, ilustrem o entendimento público e enriqueçam a vida cultural.”

Esses exemplos limitados permitem que identifiquemos alguns dos objetivos amplos que, acredito, são persistentemente perseguidos por editores universitários, e que podemos, de forma um tanto impressionista, condensar em dois rótulos: (1) qualidade e (2) disseminação. No primeiro caso, nota-se a preocupação, reiterada em todos os programas editoriais de peso, de que se veicule conteúdos de excelência, títulos que aperfeiçoem o patamar do debate, que municiem o pesquisador ou praticante de uma especialidade no desempenho de sua atividade, propiciando instrumentos críticos que estimulem o avanço da ciência e, de maneira geral, o conhecimento discursivo, na melhor tradição racionalista e científica do Ocidente. Mas qualidade apenas não é suficiente. É típica tarefa editorial, indiscriminadamente, evitar o privilégio de grupos específicos e voltar-se, de maneira ampla, para a sociedade que abriga a universidade e sua editora. Uma editora universitária não se pretende endógena, nem

necessariamente almeja o aperfeiçoamento apenas de sua comunidade de pares. Finalmente, uma editora universitária, conforme suas potencialidades e meios, pretende difundir ao máximo os conteúdos que publica e torna-los acessíveis e conhecidos a todos os interessados potenciais. Esse princípio norteador, leva a que o editor acadêmico se afaste do fascínio comum do misantropo editorial, figura mais frequente do que se presume: alguém que conscientemente publica livros que sabe de antemão que não serão distribuídos e que não serão lidos. De todas, essa é provavelmente a tara mais incompreensível do rico espectro de perversões humanas e aquela que mais nos afasta da consecução dos ideais mais caros à comunicação acadêmica e científica: a preservação do diálogo universal, sem fronteiras, sem limites, envolvendo o que há de melhor no pensamento humano, diálogo cuja dinâmica permitirá o avanço do conhecimento racional como um todo e que propiciou o multifacetado e sólido edifício da ciência contemporânea. Ao honrar os princípios mencionados (qualidade e disseminação), o editor universitário se justifica como guardião desse intercâmbio e peça chave do sistema universitário, cognitivo e cultural.

Chegamos afinal à imagem mais nítida que se buscava: uma editora universitária, para que assim possa ser entendida, deve necessariamente (1) zelar pela qualidade de seus conteúdos característicos e (2) procurar alcançar, de todas as formas, o leitor potencial desses textos, dissemina-los. Essa é uma “definição”, ou elementos constituintes de uma “definição”, se é que a podemos chamar assim, conscientemente vaga e aberta, mas dá ensejo a tarefas que são típicas e circunscrevem alguns passos importantes da atividade institucional. Temos como resultante, um esboço teórico de moldura do cenário em que atuamos. E também do que seriam, em princípio, as ameaças mais radicais que se poderiam levantar contra a edição acadêmica: justamente aquelas que desestabilizam a qualidade e a disseminação dos conteúdos publicados. É nesse contexto que julgo chegar ao ponto de considerar algumas daquelas que, a meu ver, são as ameaças mais estruturais, robustas e conspícuas que hoje assombram editoras acadêmicas e seus objetivos clássicos.

Mas antes mesmo de chegar a esse retrato mais geral, sejamos de saída totalmente francos e não menosprezemos obstáculos talvez à primeira vista não tão impressionantes, mas nem por isso menos ativos no cotidiano. Convenhamos: difícil encontrar em nosso dia a dia profissional a clareza helênica dos ideais acadêmicos clássicos que citamos e que presumivelmente permeiam a atividade editorial universitária. Que maravilha seria se tivéssemos apenas Diderots e D’Alamberts como colegas editores, Voltaires e Newtons como autores, William James e James Conants regendo a universidade em que estamos lotados, e Borges e Pico della Mirandolas como leitores. Lastimavelmente, a atividade editorial é tão afeita às limitações e

misérias humanas quanto qualquer outra: algumas vezes estamos mais próximos a cabarés e lupanares do que a ágora ateniense. Um dia normal pode perfeitamente principiar com uma granítica disposição de se levar adiante um trabalho honesto, socialmente relevante e de indisputável qualidade científica. Mas como persistir com esse ânimo quando seu editor assistente aceita prova de capa com título trocado e seu tradutor mais importante é assolado por síndrome de pânico e se esconde embaixo da cama? Quando se percebe que um autor canônico cedeu à tentação do plágio e um outro inesperadamente encaminha texto racista e, quando alertado, o acusa de cerceador da liberdade de imprensa? Quando a administração central da universidade permite ver que entre sua editora e os gramados do campus tem muito mais apreço pelos últimos ou quando confunde editoras e gráficas? E quando leitores comuns, jornalistas ou mesmo colegas universitários, em blogs ou na imprensa especializada, atacam a instituição como a um desprezível órgão de propaganda esquerdista ou direitista, ou quando desmerecem trabalho editorial de anos e milhares de páginas por encontrarem duas vírgulas erradas e um nome estrangeiro trocado?

Tudo isso, bem sabemos, ocorre e já ocorreu com vários de nós - inclusive, em maior ou menor grau, mesmo entre as editoras icônicas de que tratamos anteriormente. Mas editores são e devem ser resistentes, honrando o ideário clássico: preservando-se e explorando-se os limites de atuação legítima. Mesmo em meio às pequenas tragédias do cotidiano, ainda cabe pensar nos aspectos mais canônicos da atividade, os passos que podemos cumprir para o aperfeiçoamento sistemático da editora e edição universitárias na busca e consecução das metas amplas que citamos.

- Problemas estruturais

Seleciono aqui quatro problemas entrelaçados, que, com alarme, poderíamos chamar de os quatro cavaleiros do apocalipse editorial. Os dois primeiros afetando especificamente o preceito cardeal de qualidade da publicação acadêmica, e os dois últimos recaindo sobre a eficácia da disseminação. No primeiro conjunto incluo a explosão informacional e, elemento associado, o fenômeno do self-publishing.

- Contra a qualidade

(a) Explosão informacional – sempre foi preocupação recorrente de várias épocas a proliferação indiscriminada de livros. Mesmo na Antiguidade, reclamava-se, por vezes, que existia um excesso de publicações e que isso, no limite, impedia o devido acesso de toda a informação à população letrada. Essa desconfiança e desconforto com a produção incontrolada de livros foi levada a patamares mais alarmados – e certamente mais fundamentados – contemporaneamente. Já na década de 1970, Roberto Vacca (*Uma nova Idade Média*), pelas mesmas razões, alertava para a iminência de um caos informacional que prenunciava o desmoronamento de todo o edifício da comunicação científica. Ênfase e preocupação semelhantes são encontradas nos escritos de Lindsay Waters (*Os inimigos da esperança*), de 2001: políticas de administração acadêmica guiadas pelo “publish or perish” colocam em risco, segundo Walters, justamente aquilo que pretensamente procuram preservar, o dinamismo da produção científica. As razões rastreando os alertas lançados por Vacca e Walters têm sido cada vez mais corroboradas pelos fatos e angariam cada vez mais adeptos. De um lado, as estatísticas simplesmente atestam que efetivamente estamos vivendo um boom de publicações. Quando apenas nos EUA, são registrados lançamentos (em todos os gêneros) de mais de 1 milhão de ISBNs ano e quando, no âmbito da produção acadêmica apenas, duas editoras universitárias (Cambridge e Oxford Press) chegam a mais de 12.000 novos livros ano (fora novas edições e reimpressões) [dados encontrados em sites das próprias editoras], fica difícil não reconhecer que os patamares de publicação chegaram a níveis há não muito tempo considerados inimagináveis.

Dentre as mais recentes e mais qualificadas vozes que consideram dados como esses e se levantam contra a desenfreada publicação acadêmica, encontramos os Professores Philip Altbach, do Boston College, fundador do International Higher Education Center e editor do International Higher Education, e, especialmente, Hans de Wit, docente da Universidade de Amsterdam e ex-presidente da Associação Europeia para a Educação Internacional. Ambos, em incisivo artigo conjunto, publicado em setembro de 2018 (“Too much academic research is being published”), concentram-se sobre o oceano de publicações acadêmicas e o que isso acarreta para o requisito de qualidade científica do produto gerado. São explícitos em afirmar que o sistema de publicações acadêmicas está atingindo seu esgotamento, com enorme pressão exercida sobre os melhores periódicos e número exagerado de livros de qualidade marginal. Para eles a situação é facilmente descritível: “está-se publicando demais porque o sistema acadêmico encoraja a publicação desnecessária.” E concluem: tal sistema é “disfuncional e desnecessário” e “cortes drásticos são urgentes”.

De fato, o diagnóstico de Altbach e de Wit reflete o que os mais atentos analistas da seara editorial acadêmica vêm observando ao longo de toda a última década e chegam, quase invariavelmente, a conclusões muito semelhantes: o sistema adotado atribui responsabilidade e funções cada vez mais insustentáveis sobre aquela que é a chave mestra para a preservação da necessária qualidade das publicações acadêmicas: o arcabouço de pareceres e avaliação pelos pares (peer review). Editoras e periódicos são colocados em situação operacionalmente delicada para dar conta do que a avalanche de originais obrigatoriamente impõe.

Para responder a isso, compreensivelmente, duas alternativas têm sido trilhadas, de maneira cada vez mais frequente, por editores e autores. Na primeira delas, o editor simplesmente suspende a recepção de originais de maneira tácita e se concentra na desova daquilo que recebeu e que já aprovou. Algumas vezes, comunica-se francamente à comunidade que a estrutura de avaliação e produção foi de fato incapaz manter o ritmo editorial na proporção exigida pela massa de material recebido. Mais recentemente, periódicos acadêmicos de prestígio (e.g., *The Review of Higher Education*) simplesmente fecharam as portas a qualquer submissão de artigos e publicamente justificaram essa medida posto que já tinham material suficiente para a publicação de todos os volumes previstos da revista para os próximos dois anos.

A outra alternativa, igualmente grave, atinge mais diretamente o sistema de peer review: o self-publishing, que aqui elejo como o segundo dos perigos maiores enfrentados pela edição acadêmica.

(b) Self-publishing -

Caso o preceito de seleção criteriosa e decorrente qualidade forem abandonados, muito do que se entende por edição universitária perderia seu sentido. Entretanto, a crer nos dados mais recentes divulgados, o self-publishing, prática que radicalmente suprime o processo canônico de avaliação por pares, parece ser a mais bem-sucedida prática editorial contemporânea. Editoras inteiras ou selos específicos dentro de editoras regulares, buros especificamente voltados para edições independentes, toda uma estrutura, formal e informal tem hoje atividade constante voltada exclusivamente para o atendimento a autores independentes.

Talvez editores universitários só tenham se dado conta muito tardiamente de que desde 2008 o mundo publica mais em self-publishing do que em edições regulares. Os números impressionam: entre 2011 e 2017, os números de publicações em self-publishing ultrapassaram a marca de 210 por cento de crescimento. O advento da Amazon, como o maior

player livreiro internacional deu ainda mais alento a esse trend e hoje atesta a pujança, inclusive comercial, dessa modalidade editorial: na lista de 50 mais vendidos da Amazon em alguns países de sólida tradição de leitura, 90% ou mais dentre eles são originários do self-publishing.

Entre os livros acadêmicos no Brasil, embora ainda não existam estatísticas seguras a apresentar, não há dúvidas de que haja tendência igualmente crescente na participação do self-publishing, embora não tão dramática quanto a observada entre os livros trade. Mas a exiguidade de canais tradicionais e a persistência das exigências usuais para a qualificação acadêmica, inevitavelmente preserva terreno particularmente fértil para que o ritmo de expansão se aproxime cada vez mais daquele obedecido pelo mercado não-acadêmico.

Até aqui mencionamos problemas que atingem diretamente o preceito de qualidade. Vejamos agora o par de dificuldades enfrentadas pela disseminação do livro: a crise do varejo e do livro como suporte clássico da produção acadêmica.

- Contra a disseminação

(c) Crise do varejo

Desde a década de 1990 as furiosas negociações entre editoras europeias e americanas, de um lado, e a Amazon Books, de outro, prenunciavam um quadro totalmente renovador para o comércio livreiro. Os Estados Unidos, nesse sentido, foram um laboratório exemplar. Berço de editoras e livrarias tradicionais e sólidas, viu, em curto espaço de tempo, desmoronar um padrão de mercado que por muito tempo garantiu a estabilidade de operações e margem de lucro confortável.

As redes livreiras mais emblemáticas, como Borders e Barnes and Noble, viram-se em dificuldades incontornáveis e ou fecharam, caso da Borders, ou se transformaram radicalmente, em um processo que ainda não se sabe se será suficiente à sua sobrevivência: há dois meses, foi lançado abaixo assinado de autores e editores americanos pedindo que o público comprasse na rede Barnes and Noble temendo-se que ela feche e assim amplie a monopolização do negócio por parte da Amazon.

Monopsônios, padrões de desconto característicos do comércio eletrônico e espetacularmente afastados dos padrões corriqueiros na década passada, reestruturação das redes regulares de livrarias e crise universal das megastores, queda consistente das margens de lucro. Esses são

apenas alguns dos traços voláteis do ingrato mercado em que todas as editoras, editoras universitárias incluídas, devem se movimentar. Anos de treinamento e especialização profissional adquirida pelos departamentos comerciais e profissionais de vendas devem ser hoje redimensionados, a toque de caixa, para dar conta dessas mudanças profundas.

(d) Crise do livro?

Associado, influenciado e influenciando a crise do varejo livreiro, encontra-se outro elemento mais recente e certamente mais sofisticado e complexo – não fosse a crise do varejo suficientemente complexa. Refiro-me aqui ao fenômeno recentemente atestado pelos mais abrangentes relatórios de tendências comerciais livreiras internacionais. Os dados de diferentes pesquisas são consistentemente indicadores de uma tendência: existe hoje queda constante do número de leitores de livros.

Os mais importantes mercados livreiros sul-americanos (Brasil, Argentina e Chile) acompanham quase que perfeitamente os dados verificados nos mais importantes países leitores da Europa, América do Norte e Ásia. Em White Paper, divulgado pela coordenação da Feira de Frankfurt há pouco mais de um mês, intitulado Business of Books 2018: new tunes for an old trade, de autoria de Rüdiger Wischenbart, evidencia-se que em praticamente todos esses casos verificou-se queda sistemática do público leitor ao longo da última década (2006 a 2016). A única exceção coube à China, por motivos bem localizados e relacionados ao peculiar e acelerado processo de inclusão urbana e profissional por que passa aquele país. Todos os demais mercados considerados – Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos e Japão -, note-se a diversidade cultural desse conjunto, sofreu quedas do contingente leitor oscilando na faixa entre 12 e 20 por cento. Na Alemanha, talvez o mais citado exemplo de robustez livreira, cerca de seis milhões de compradores de livros simplesmente desapareceram entre 2012 e 2016. Na Espanha, outro caso tradicional de dinamismo editorial, durante o mesmo período, as perdas chegaram a um terço de sua receita total.

O período pesquisado e comparação com resultados anteriores, a diversidade dos conjuntos analisados, a devida depuração de variáveis conjunturais, tudo isso leva a acreditar que estamos diante de fenômeno estabelecido e em vias de se ampliar. Ao que tudo indica, embora talvez ainda seja necessária série histórica mais adensada, estamos diante de uma transferência do público em direção a modelos fragmentados de leitura e de leitura em suportes outros que não o livro.

Rüdiger Wischenbart conclui, como parâmetro a ser seguido pelos editores em atividade, que o objetivo a ser perseguido é o de alcançar modelos editoriais que intensifiquem o emprego de suportes mais populares, particularmente celulares. Para estancar a depauperação do mercado, celulares e, de maneira geral, as novas media devem ser utilizados extensivamente, seja como veículo de conteúdos, seja como meio comercial, inclusive para a venda e divulgação de conteúdos tradicionais.

É possível a edição acadêmica?

Esse rápido passeio pela atual constelação de problemas que rondam o editor acadêmico, permite dizer que estamos em época turbulenta e, muito provavelmente, acrescento, de transição. Nesses termos, para sermos fieis à moldura que definimos anteriormente, a resposta à pergunta colocada dependerá do impacto que os problemas citados exercerão para a manutenção dos objetivos de qualidade e adequada disseminação do conteúdo acadêmico. Cada uma dessas dificuldades, caso sigam seu ímpeto - até agora, ao menos aparentemente, implacável -, seria suficiente para acarretar desvio profundo quando não interrupção da edição universitária como a conhecemos. Definem-se assim tensões com as quais o editor universitário convive e que sujeitam sua prática a perigos e limitações constantes e crescentes.

Como superar os obstáculos colocados? A primeira das providências a tomar, é justamente conscientizar-se dos perigos e buscar réplicas que preservem os ideais norteadores da academia. E uma vez identificadas as ameaças, providências devem ser tomadas, embora reconheça-se não serem nem simples, nem imediatas, para minimizá-las: políticas de avaliação acadêmica que não estimulem a publicação irrelevante; preservação do sistema de avaliação por pares; modelos que reinstaurem a estabilidade do varejo (físico e eletrônico); e o desenvolvimento de linhas editoriais, distribuição e comercialização devidamente harmonizadas com as tendências correntes do leitor potencial, especialmente aquele nascido neste século.

Efetivamente, em todos esses âmbitos propostas têm sido apresentadas, algumas das quais com eficácia promissora. De fato, embora não haja garantia de vitória para “o bom combate”, temos, como nunca tivemos, instrumentos que ainda nos permitem pleitear a preservação dos ideais clássicos da edição. Cabe esperar e, na medida do possível, em nossas respectivas searas, contribuir para que as turbulências comerciais e culturais deste século e as preocupantes encruzilhadas enfrentadas pela universidade contemporânea não tenham como

consequência a interrupção da tradição científica e de sua constante aliada, a comunicação acadêmica. Editoras universitárias têm participado dessa caminhada e respondido, muitas vezes heroicamente, aos desafios da empreitada. Como membro dessa comunidade, faço votos de que os fados continuem a nos permitir o cumprimento de nossas funções corriqueiras, para o proveito e benefício de toda a sociedade que nos abriga.